

*Tulio Fernandes*

**PLANO AGRO-INDUSTRIAL PARA  
A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DAS  
SÊCAS NO RIO GRANDE DO NORTE**

(Discurso pronunciado na Assembleia Legislativa na sessão do dia 7 de Maio.)

*Plano para o desenvolvimento do Rio Grande do Norte.*

1958

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY  
540 EAST 57TH STREET  
CHICAGO, ILL. 60637

Biblioteca do Instituto Histórico  
e Geográfico do Rio Grande do Norte

**DOAÇÃO DO SÓCIO EFETIVO  
ANTONIO SOARES FILHO**



*Tulio Fernandes*

**PLANO AGRO-INDUSTRIAL PARA  
A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DAS  
SÊCAS NO RIO GRANDE DO NORTE**

(Discurso pronunciado na Assembleia Legislativa na sessão do dia 7 de Maio.)

**1958**

1

THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
LIBRARY

1881

# PLANO AGRO-INDUSTRIAL PARA A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DAS SÊCAS NO RIO GRANDE DO NORTE

## INTRODUÇÃO

Está mais uma vez comprovada publicamente nossa incapacidade para solucionar o problema da Sêca que abate sobre o Estado. A eloquência do tempo é irrefutável. Continuamos obstinadamente a trilhar caminhos errados que a nada conduzem. Vsc

O mais grave é que, desta vez o flagelo assume um aspecto diferente e inédito nos anais da história das Sêcas, no Nordeste. E' que, das vèzes anteriores, os homens de mais responsabilidade nas áreas afetadas e aquêles que podiam fazer alguma coisa se arregimentavam e tentavam, bem ou mal, minorar os efeitos da calamidade. Os "retirantes" que afluíam à Capital eram obrigados e atendidos pelas senhoras da sociedade local, que, constituídas em comissão angariavam donativos, e com zêlo e dedicação levavam pessoalmente, às vitimas

dessa tragédia tantas vêzes repetida, alimentos, roupas e medicamentos. Isso, naturalmente, não ia além de uma louvável demonstração de solidariedade humana, mas era expressivo e eloquente atestado de interêsse demonstrado por tôdas as classes sociais, em condições de serem úteis.

Entretanto hoje que o fenômeno se repete com tôda a violência, observa-se exatamente o contrário. — Um indiferentismo alarmante se apodera de tôdos, dificultando qualquer iniciativa que venha a ser apontada.

Ninguém acredita em nada. Ninguém é capaz de sacrificar a menor parcela de sua comodidade, de seu bem-estar em busca de uma solução satisfatória.

Esse fenômeno é alarmante. Enquanto a poucos quilômetros da Capital centenas de famílias se desintegram, perdem tôdo o seu patrimônio e caem na mais nêgra miséria, a sociedade local esbanja pròdigamente, assistindo desfiles de modas, exibindo, por sua vêz custosas "toilettes", num alheamento injustificável ao sofrimento dos seus conterrâneos. Parece que estamos vivendo a mil quilômetros das áreas afetadas.

Procura-se ver sempre nas atitudes daquêles que pensam em fazer alguma coisa, interêsses personalíssimos, matando-lhes a coragem e a iniciativa.

No Rio Grande do Norte ninguém acredita mais num idealismo sadio, desinteressado.

Vivemos sôb o domínio do egoísmo. Recebemos das gerações passadas o ônus de um flagelo econômico e social, mas é de justiça reconhecer que homens como Felipe Guerra, Elói de Souza e Juvenal Lamartine apontaram soluções, publicaram livros de grandes méritos sôbre o assunto e fizeram promulgar leis que ainda hoje atenuam as desastrosas consequências das Sêcas.

E nós? Que temos feitos? Que estamos fazendo? Será que não temos obrigações para com os nossos irmãos infelicitados? Será que perdemos inteiramente a noção de responsabilidade perante o pôvo e a Pátria que, inegavelmente nos ajudam? Será que o bem-estar e o futuro dos nossos filhos não nos interessam? Será justo deixar para os novos a solução de um problema que se agrava cada vez mais? Será que não tememos a condenação dos porvindouros, pela nossa incúria, nossa incapacidade, nossa desonestidade? Não. Repetimos, mil vêzes não. Silenciem os descrentes. Recuem os egoístas. Emudeçam os críticos. Quebrem os grilhões dessa apátia criminososa, os verdadeiros riograndenses do Norte e saíam a campo unidos e confiantes que devemos e podemos fazer alguma coisa de prático, de objetivo em pról da solução definitiva do problema.

O riograndense do Norte precisa se convencer que até certo ponto o problema é nosso. Nós é que estamos sendo batidos diretamente pêla calamidade. Nós é que devemos resolvê-lo. Um pôvo que não é capaz de resolver suas pró-

prias dificuldades, merece ser tutelado. Estamos sendo pesados às outras unidades Federativas. O emprêgo de auxílio que estamos recebendo, da maneira como está sendo utilizado, além de humilhar, deprime.

Hoje o País está gastando conosco..... Cr\$ 2.900.000,00 (dois milhões e novecentos mil cruzeiros por dia), afôra viveres e remédios vindos de avião, sem que disso resulte qualquer benefício futuro para o nosso Estado e para o nosso povo. E' preciso não esquecer que são Cr\$ 87.000.000,00 (oitenta e sete milhões de cruzeiros) por mês. E por ano? Pensaram, por ventura, nas cifras astronômicas que se vão acumulando vertiginosamente? Que o quilo de xarque vindo de avião do Rio Grande do Sul, chega-nos aqui por mais de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros) o quilo? Que tudo isso está saindo do suor e do esfôrço dos nossos irmãos do Sul. Que o D.N.O.C.S. está no momento atendendo a mais de 42.000 (quarenta e dois mil) flagelados, e já recebeu tôdos os duodécimos dêste ano? Que o D.N.E.R., por sua vêz, atende a mais de 5.750 (cinco mil, setecentos e cinquenta) e que não poderá aumentar êsse número, sem receber verbas de emergência? Que a C.O.F.A.P., através de seu crédito relativo de 300 (trezentos milhões de cruzeiros), já distribuiu no nordeste tôda essa importância em mercadorias, sem ter sido reembolsada de um só centavo? Que apesar de tôdo êsse manancial não estamos atendendo nem uma terça parte dos necessitados? Que tôda essa fortuna está

sendo gasta inutilmente. Que se a calamidade se prolongar pelo ano seguinte, não teremos mais para quem apelar?

Urge, portanto, uma reação imediata e em bases populares. O fenômeno não é apenas climatérico. Ele oferece desta vez, aspectos sociais dos mais graves. Em 77 e 15, o sertanejo retirava-se para morrer de fome pelos invios caminhos do sertão. Mas não lançava mão das medidas extremas verificadas hoje. Na concepção atual, o homem obedece mais cegamente ao determinismo biológico; saqueia e mata, se preciso, para saciar a fome, e não sabemos *Y se merec* condenação por isso.

Confrange saber, entretanto, que o problema nunca será solucionado porque não temos a coragem de quebrar essas normas comuns e absolutas até hoje empregadas sem qualquer proveito.

A confusão é assustadora. Ninguém se entende. Não somos capazes nem sequer de empregar proveitosamente aquilo que nos dão.

Entretanto temos a ousadia ou mesmo a temeridade de afirmar que podemos solucionar definitivamente o problema. Naturalmente que a solução terá que ter a mesma magnitude. Obstáculos gigantescos terão que ser removidos, como já o foram em outras terras, por povos menos bravos e menos capazes.

Que é feito hoje da decantada tenacidade do nordestino, que não se põe a serviço da sua própria causa? Um dia há de surgir um líder ou uma pleiade de homens capazes e dedica-

dos que marchará a frente dêsse povo para os sertões, para os vales, para as fábricas, para executar o plano que temos a coragem de apresentar.

### COMPLEXIDADE DO PROBLEMA

Para se ter uma idéia das dificuldades que envolvem o estudo do problema, basta se observar o seguinte:

O nordeste, em si, é uma região de contrastes e nós do Rio Grande do Norte, nos encontramos situados exatamente na ponta mais oriental dessa vasta região. Aqui os contrastes se acentuam ainda mais, dificultando qualquer conclusão racional. E' possível que o clima responda por muita coisa. Para uns, dêle decorrem aspectos do relêvo topográfico, as características da rêde fluvial e da vegetação e dos próprios traços da vida humana (gêneros de vida, repartição da população, etc).

Dentro das fronteiras políticas da região em estudo, enquadraremos os Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas, embora na realidade deva estender-se até Sergipe, norte da Bahia e sudoeste do Piauí, como ensina Aroldo de Azevêdo.

O contraste observado no clima da região nordestina é deveras curioso. Como consequência de sua situação geográfica ela apresenta um clima quente, pois ressalvadas algumas exceções, as temperaturas médias anuais oscilam entre 26 e 30.º. O nosso Estado, graças a

*A colonização e a modernização*

sua conformação, avança sobre o oceano, recebendo dêste alguma influência, não se sabendo se boas ou más. Aqui o regime das chuvas é típico, talvez, único no País. Tanto é assim que apenas em algumas partes do litoral, especialmente nas pontas mais avançadas se registram precipitações da casa de 1,50m e 3m em cada ano. Enquanto isso, na maior extensão do interior, registram-se índices pluviométricos notadamente baixos, como sêjam aquêdos 50cm.

Observa ainda o autor citado, aliás, com muita acuidade, que no litoral norte, as chuvas cáem principalmente nos mêses do outôno. No litoral oriental, nos mêses de inverno, enquanto que no interior **AS CHUVAS SÃO DE VERÃO.**

E o contrástê não fica aí. Enquanto o clima no litoral, em regra, é **úmido**, predomina no sertão o **clima semi-árido.**

Para alguns estudiosos do assunto o que infelicita a nossa zona sertaneja não é propriamente a escassêz de chuva, e sim, uma má distribuição nas precipitações, no decorrer do ano. A Meteorología registra regiões menos chuvadas onde não se observa o fenômeno das sêcas.

Essa disparidade entre o litoral e o sertão, se reflete na geografia da região, notadamente na topografia, na vegetação, no regime dos rios e na própria vida.

O litoral, por exemplo, é constituido por terrenos de origem recente, terciários e quaternários. Há regiões próximas do litoral on-

de se nota o recuo recente do mar — posição das pedras, lençóis submersos salinizados, mariscos na vegetação, etc. Em certos pontos tais terrenos se elevam sob fórmula de tabuleiros de arenito, não muito elevados e com escarpas abruptas, conhecidas por **barreiras**, tão frequentes na região costeira. Em outras partes, tais formações cedem lugar a vastas extensões de **dunas** alvadias ou zonas baixas, que o mar invade, constituindo os mangues. Registram-se também com frequência a existência de restingas, ou terrenos impermeabilizados que respondem pela formação de **lagôas costeiras**. li

Completando o quadro litorâneo acompanham, quase sempre, a orla oceânica os clássicos **recifes** onde o mar se desfaz em cataratas e repuxos de alvíssimas espumas. Aí a região apresenta temperaturas uniformes, com médias anuais entre 25.º e 26.º e chuvas mais ou menos abundantes, salvo no nosso Estado, onde domina o regime semi-árido, como observa ainda o autor citado. Esta exceção é que nos tem privado, mesmo aqui no litoral, da chamada **mata Atlântica**, do tipo tropical, que nos primeiros dias do período colonial tantos serviços prestou. Outro tópico curioso dessa zona é a presença, na orla litoral, do coqueiro (“cocos nucifera”).

Vejam agora a **Zona do Sertão**. O aspecto topográfico do interior do nordeste se caracteriza por extensas regiões planas ou ligeiramente onduladas, sobressaindo aqui e ali alguma serra de rochas resistentes. Em certos pon-

tos surgem grandes massas de terrenos sedimentares antigos, quase todos no período secundário, constituídos em extensas **chapadas** de encostas escarpadas.

Há um aspécto interessante sôbre a formação geológica do nosso sertão que merece ser conhecido, mesmo em linhas apressadas. O nosso Nordeste (Oriental), é de se supôr que pelo menos até a éra secundária, deve ter sido encoberto pelas águas. Com a retirada ou escoamento dessas águas, em face do levantamento continental, os sedimentos naturalmente acumulados, foram pouco a pouco erodindo pêla ação contínua das águas correntes, sôb a ação provável de um clima bem mais úmido; as chapadas há pouco aludidas parecem conduzir a esta conclusão. Já no período seguinte, na fase terciária, segundo a concepção de vários autores, a zona litorânea teria sido invadida novamente pelo mar, embora essa invasão tivesse tido pouca duração. A sedimentação que corresponde hoje aos **tabuleiros** do litoral, ilustram essa opinião. O que é fato é que essas faixas sedimentares parece imperbilializarem as três ou quatro zonas quasi paralelas de que se constitui o sólo da região.

Aroldo de Azevêdo, tantas vêzes aquí citado, ainda chama a atenção para o fato de que, no sertão do Nordeste, chama-se de **inverno** a época das chuvas e de **verão** o período sêco. Isso na realidade não corresponde ao sentido comum das chamadas estações do ano. Entre nós o verão se estende até Abril e Maio e é exata-

mente de Fevereiro a Maio que cai o inverno no nosso sertão. Se até o mês de Abril não chove, está desencadeada a tragédia: o sólo fica ressequido, a vegetação natural desaparece, secam as "cacimbas" e começa o grande tormento da fome.

Os rios do sertão são temporários, pois deixam praticamente de existir durante as estiagens. O Açú ou Piranhas com seus 500 kms., o Ceará-Mirim, o Potengi, na casa dos 300 kms. apesar de suas extensões deixam de ser úteis como reservatórios.

Outro aspecto desconcertante que agrava sobremodo o estudo do problema é a posição do Estado do Rio Grande do Norte, sob a Rosa dos Ventos. Estamos sob o domínio dos ventos alísios do NE, do SE e de E, sendo a sua velocidade mínima durante o período das chuvas, como observa Delgado de Carvalho. A prevalência dessas correntes aéreas não nos são favoráveis. Arriscamos aqui mais uma observação pessoal: é a de que essas correntes parecem afastar para o interior Atlântico as grandes massas de nuvens que ali se precipitam inutilmente. Isto especialmente durante o verão, em que os ventos sopram mais fortes. Tanto isso é assim, que, as vezes, em pleno mês de Novembro ou Dezembro, o vento **ronda** e passa a soprar na direção Sul, caindo, então, aquilo que o pescador nordestino chama, com certa precisão, de **Terral** (por soprar do mar para terra) e chuvas bruscas e inesperadas se abatem sobre o litoral, recebendo o pitorêso nome de "chuva

do Cajú", inteiramente fóra de propósito.

Assim para aquele renomado autor, a causa primordial das sêcas é a **irregularidade marcada da distribuição das chuvas**. Mas, como se vê, isto é apenas um dos fatores.

Josué de Castro, a nosso vêr a autoridade mais atualizada no assunto, pois procura nos seus hábitos lenitivos para o mal, cobre com a clareza de suas observações tôda a área afetada que se estende desde as proximidades da margem direita do rio Parnaíba no seu extremo norte, até o rio Itapicurú no seu extremo sul, abrangendo as terras centrais do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagôas, Sergipe e Bahia, numa extensão territorial de 670.000 km<sup>2</sup>. Nesta zona, acossada periodicamente pela sêca, semi-árida e desprotegida, vive hoje em dia 30% da população do país conforme salienta a sempre brilhante Raquel de Queiroz.

Apenas numa coisa não concordamos com o autor da Geografia da Fome. E' quando êle diz que a base de nossa alimentação é o milho, quando na realidade tôdos sabem que o sertanejo se sustenta com feijão e farinha de mandiôca. E nosso vai mais um contráste, pois se em tôdas as áreas do mundo em que se observam surtos agudos de fome a base alimentar é o milho e seus derivados, no Nordeste verifica-se sempre a exceção.

De tudo quanto ficou dito, verifica-se apenas concordância entre os autores consultados num ponto de vista: é que a má distribuição

das chuvas responde pelo flagelo, como se mostra categórico Alcias Martins de Atayde. E como isso não se pode corrigir eficientemente, tentemos, pelo menos anular os efeitos do mal, através da execução de um programa que, se executado, não resolverá apenas o problema que aflige no momento, mas também o futuro e o progresso do Rio Grande do Norte.

Vejamos:

### O PLANO

O plano é revolucionário, no bom sentido do termo, pois teremos que abandonar sumariamente quase todos os métodos até então postos em prática. Reparar estradas de barro, sorvedouros impressionantes de somas fabulosas, e chegar areia em paredões de açudes, como pretexto para dar de comer a flagelados, além de não resolver o problema, deprime e corrompe. Assim já que não se pode modificar a direção dos ventos, improvisar florestas, distribuir equitativamente as precipitações pluviométricas, tentemos, pelo menos anular os efeitos do mal, através da execução de um programa que, se executado, não resolverá apenas o problema que nos aflige, como já foi dito.

1.º — Constituição de uma **Comissão Executiva** com poderes discricionários dentro das esferas de suas atribuições, composta de cinco membros, estranhos às facções partidárias e de honestidade comprovada presidida por um Oficial do Exército de Elevada Patente;

2.º — Desapropriação ou compra imediata de tôda a área dos vales úmidos que não esteja sendo cultivada e divisão da mesma em granjas para o plantío imediato e intensivo da chamada agricultura de sustentação e de rápido ciclo, como seja, feijão, milho, arroz, mandioca, horticultura, bem como construção de apiários, aviários, pocilgas, etc. Barracas e trens de cosinha a cargo das Fôrças Armadas, assegurariam a abertura imediata dessa decisiva frente de trabalho;

a) — para isso a Comissão deslocaria e lançaria imediatamente dez ou quinze mil flagelados nas áreas adquiridas sôb a orientação de 20 ou 30 Agrônomos especialmente contratados para esse fim. Essas áreas, seriam descobertas, levantadas, retalhadas de valas para irrigação, por gravidade ou através de mótobombas, adubadas e convenientemente semeadas. Posteriormente, vencida a crise, essas granjas seriam vendidas aos seus ocupantes que se mostrassem capazes, por preços módicos, sem juros e a longo prazo;

b) — da produção daí advinda, seriam sempre reservada 20% (vinte por cento) para o Estado, que guardaria êsse excedente em silos construídos em Natal, Caicó e Mossoró;

c) — o crédito agora concedido pelo Governo Central de Cr\$ 640.000.000,00 (seiscentos e quarenta milhões de cruzeiros) para o Nordeste possibilitará o início imediato dessa tarefa.

3.º — Abandono imediato de tôdas as tentativas de se plantar nas áreas inadequadas à agricultura de sustentação. Aí seria cultivado, nas épocas próprias e quando já em funcionamento o serviço de irrigação, o algodão herbáceo. (*Gossypium herbacem*);

4.º — Desapropriação ou compra de toda a área do chamado algodão Mocó (*Gossypium vitafolium*) e aproveitamento da mesma área nos moldes dos vales úmidos, com um sistema de irrigação eficiente, através de potentes bombas de elevação, de móto-hombas de diversos calibres, partindo do Itans ou de outros reservatórios d'água existentes na região, que se prestassem a essa modalidade de serviço, e onde seriam empregados de dois a três mil flagelados;

5.º — Concentração de tôdos os rebanhos do Estado em oito ou dez municípios dos mais indicados à pecuária, com plantío imediato, em extensa área, de tôdos os tipos de cactos indicados para a alimentação do gado, graníneas, etc. Construção imediata de poços, cobrindo tôda essa região, que permitisse um serviço de irrigação eficiente. Construção de silos para armazenamento de forragem etc., tudo sôb a responsabilidade de técnicos especialmente contratados. Aí seriam empregados de dois a três mil flagelados conhecedores do assunto;

6.º — Construção em tôdos os cursos d'água do Estado, de barragens de tôdos os tipos, desde as submersas, até as de regularização, de conformidade com as condições locais,

dedicando-se especial atenção ao rio Piranhas, que tem hoje o seu curso perenizado pelas águas que vêm das turbinas do açude Piranha, que fornece energia elétrica a várias cidades do interior paraibano. As margens desse rio, a iniciativa privada, com auxílio de moto-bombas, tem feito milagres, como salientou nesta Casa, o Dep. Abílio Medeiros, que testemunhou a transformação radical por que vem passando a fisionomia daquela região.

Como é sabido, dispõe o Estado quase que exclusivamente de rios torrenciais, que descarregam no mar, com uma rapidez impressionante, todo o manancial líquido que de raro em raro nos chega, através de precipitações pluviométricas, isto afora o precioso humos que se perde, levado pelas enxurradas.

7.º — Estudos rápidos com aprovação e autorização da Comissão, de construção imediata de açudes grandes e médios em todos os locais apropriados do Estado. (Deixamos de apontar os pequenos açudes, por entendermos como o saudoso Desembargador Felipe Guerra, que êstes são como certos amigos: — “na hora em que mais precisamos dêles, êles nos faltam”) A pequena açudagem ficaria a cargo da iniciativa privada. Nêstes serviços, seriam empregados de dois a três mil flagelados. Ninguém discute os efeitos benéficos, ou por que não dizer inestimáveis da açudagem, porém há de se convir que esta atende apenas às necessidades imediatas, nunca aos efeitos totais do flagelo. Como um grande edificio, o problema

tem muitos andares, não sendo justo fixar-se a vista apenas no primeiro compartimento. Devemos sim, elevá-la para o futuro, descortinando tôda a fachada.

8.º — Empréstimos sem burocracia, aos proprietários do Estado, a longo prazo e juros módicos, nas condições dos mesmos conservar em suas propriedades, os seus moradores, evitando o êxodo e as grandes concentrações, originárias quase sempre de eclosões epidêmicas, facilitando por outro lado a abertura de novas frentes de trabalho.

## INDUSTRIALIZAÇÃO

1.º — Vinda imediata da energia de Paulo Afonso para Mossoró e Caicó. (De acôrdo com o orçamento já anteriormente feito por engenheiros da Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco, essa despêsa não iria além da casa dos Cr\$ 300.000.000.00 (trezentos milhões), importância relativamente pequena, deante das cifras atualmente gastas inutilmente. Concomitantemente seriam construidos Fornos, Laboratórios e Fábricas para o aproveitamento imediato de Tungstênio e matérias primas correlatas, em Currais Novos, cobrindo os municípios de Santa Cruz e Parêlhas, tudo isso sôb a direção de técnicos vindos da Fundação Getúlio Vargas, Volta Redonda e São Paulo. Aí seriam empregados eficientemente de dois a três mil necessitados;

2.º — Construção no Seridó de duas fábricas

cas de tecido, aproveitando t $\hat{o}$ da a mat $\acute{e}$ ria prima da regi $\tilde{a}$ o, cobrindo os munic $\acute{i}$ pios de Jardim do Serid $\acute{o}$ , Jardim de Piranhas, Jucurut $\tilde{u}$  e Serra N $\tilde{e}$ gra, com o empr $\acute{e}$ go imediato de dois mil flagelados;

3. $^{\circ}$  — Constru $\tilde{c}$ o em A $\tilde{c}$ u de uma f $\acute{a}$ bbrica de beneficiamento de c $\acute{e}$ ra de carna $\tilde{u}$ ba e derivados, concomitantemente com a constru $\tilde{c}$ o de grandes barr $\tilde{a}$ gens de regulariza $\tilde{c}$ o no leito do rio A $\tilde{c}$ u, para o aproveitamento e plant $\tilde{i}$ o imediato de t $\hat{o}$ da a v $\tilde{a}$ rzea, atrav $\acute{e}$ s de um servi $\tilde{c}$ o de irriga $\tilde{c}$ o perfeito, onde seriam lan $\tilde{c}$ ados de quatro a cinco mil flagelados, na f $\acute{a}$ bbrica e no plant $\tilde{i}$ o intensivo da regi $\tilde{a}$ o;

4. $^{\circ}$  — Constru $\tilde{c}$ o em Mossor $\acute{o}$  de uma grande f $\acute{a}$ bbrica de cimento, aproveitando o g $\tilde{e}$ so e derivados existentes em abundancia no local. Constru $\tilde{c}$ o em Mac $\acute{a}$ u e Areia Branca de uma ou duas f $\acute{a}$ bbricas de s $\acute{o}$ da c $\acute{a}$ ustica e de t $\hat{o}$ dos os tipos de alcalis. In $\acute{i}$ cio imediato do P $\acute{o}$ rto Telef $\acute{e}$ rico de Areia Branca, j $\acute{a}$  estudado, para pronto escoamento do sal e produtos da regi $\tilde{a}$ o;

5. $^{\circ}$  — Industrializa $\tilde{c}$ o da pesca no Rio G. do Norte com o empr $\acute{e}$ go imediato de dois barcos pesqueiros com instrumentos de localiza $\tilde{c}$ o de cardumes do tipo Kiko Mar $\acute{u}$ , com a aquisi $\tilde{c}$ o de caminh $\tilde{o}$ es apropriados e distribu $\tilde{i}$ o, nas  $\acute{a}$ reas mais afetadas, de pequenos frigor $\acute{i}$ ficos para o armazenamento de At $\tilde{u}$ m, Albacora e Agulh $\tilde{a}$ o de Vela, no volume de cem a duzentas toneladas por m $\acute{e}$ s.

## CIRCULAÇÃO DA RIQUEZA

1.º — Ampliação e equipamento do Pôrto de Natal. Construção do Pôrto de Cunhaú, já estudado, para evasão do sal de Canguareta-ma, e movimentação da navegação de pequena cabotagem;

2.º — Complemento da Rêde Ferroviária do Estado, levando suas linhas aos pontos terminais de há muito estudados;

3.º — Asfaltamento da Estrada Natal-Caicó, já em construção, Natal-Mossoró e Natal-Guajú. Nêsses serviços poderiam ser empregados tôdos os flageldos ainda por atender.

## MEDIDAS SANITARIAS

Sôb a orientação de Saúde Pública, tôdos os médicos daquela Repartição, das Fôrças Armadas e Particulares que o desejassem, seriam convocados para o serviço imediato de vacinação o ambulatório, com meios, digo, recursos e medicamentos, transportados para tôdas as frentes do trabalho.

## JUSTIFICAÇÃO

E' comesinho em Economia Política, que a produção surge de três fatores básicos: Natureza, Trabalho e Capital.

Dispomos no momento em abundância de dois dos elementos considerados essenciais, ao surto da produção: Trabalho, como agente ati-

vo e o Capital como elemento propulsor. Com êsses elementos, bem empregados e dirigidos, pode-se, hoje em dia, suprir as deficiências de uma natureza avara. Falta-nos apenas determinações.

Para a execução dêsse programa aparentemente utópico, para aquêles que se deixaram embotar pêlo ceticismo, tôdas as verbas orçamentárias ou de emergência, originárias da União, do Estado, dos Municípios, ou de fontes particulares seriam imediatamente entregues á Comissão que as empregaria integralmente na execução dêste plano. A Comissão teria um, ou no máximo, dois planos quinquenais para a execução dos serviços. Haja ou não inverno nêsse período, as obras continuarão com o mesmo ritmo até serem atingidas as metas aqui planificadas, pois do outro modo seria voltar ao círculo vicioso, atraídos por uma trégua aparente.

De imediato seria desencadeada uma vultosa campanha, partindo das Escolas Primárias, Colégios, Escolas Superiores, até atingir o seio da grande massa, através de tôdos os órgãos de divulgação, fazendo ver a imperiosa necessidade que temos de nos libertar de uma vêz por tôdas da dependência econômica e assistencial dos outros.

Cumpra-se êsse programa em cinco ou dez anos teremos, não só resolvido o problema das secas, mas especialmente o futuro e o progresso definitivos do Rio Grande do Norte





